

PADRE CÍCERO DO JUAZEIRO DO NORTE: ENTRE A POLÍTICA E A RELIGIÃO

*Carlos Alberto Tolovi¹
Marlene Duarte Bezerra²*

INTRODUÇÃO

Cícero Romão Batista: um padre afastado de suas ordens sacerdotais, acusado de desobediência para com a hierarquia da Igreja Católica, é proclamado santo pela religiosidade popular no nordeste brasileiro. Como afirmam seus romeiros: “um Santo do sol” – pelo fato de não poder “entrar na igreja”. Passou a ser reconhecido como “Meu Padim” e se tornou um símbolo dinamizador da transformação geográfica, política, social e econômica de Juazeiro do Norte (CE). Contudo, no mesmo período em que ocorre esse fenômeno no Cariri, está ocorrendo outro, de proporções ainda maiores no que se refere ao impacto conflitante entre a religiosidade popular, a Igreja Católica oficial e o Estado. Estamos falando de Canudos, do Beato Conselheiro. E como se não bastasse, neste mesmo período, e ao lado de Juazeiro, já está em formação o Caldeirão do Beato Zé Lourenço. Um dos seguidores de padre Cícero que, como Conselheiro, organiza uma comunidade que tinha como base a fé e o trabalho. Contudo, os dois movimentos tinham como princípio a autonomia de suas comunidades. O que colocamos como o elemento chave no campo do conflito.

Neste contexto, a questão que levantamos como objeto provocador de reflexão e debate gira em torno da seguinte pergunta: se o fenômeno é o mesmo, na mesma região, com as mesmas características, na mesma época, o que teria “livrado” Juazeiro do Norte da destruição que ocorreu em Canudos e Caldeirão? Teria sido apenas a presença de um padre, tido como santo pelas camadas populares? Ou estaria no campo da articulação política a resposta para compreendermos esta distinção? A hipótese que estamos abordando neste trabalho nos leva realmente para o campo da política, tendo como principal eixo a relação de poder, que encontrou na religião a sua principal fonte de articulação, o seu mais importante substrato.

Contudo, não é difícil constatar que, mesmo na academia, há uma grande dificuldade de se definir a política a partir de uma concepção conceitual. Falamos em políticas públicas, política educacional, política econômica, política nacional e internacional, etc.. Mas, afinal,

¹ Carlos Alberto Tolovi – Doutorando do Programa de Ciências da Religião – PUC/SP (ctolovi@yahoo.com.br)

² Marlene Duarte Bezerra – Mestranda do Programa de Ciências da Religião – PUC/SP (mdb@gmail.com)

como definir o conceito de política? E neste contexto também perguntamos: seria possível separar um movimento revolucionário da religiosidade popular da política?

Assim como muitas outras dimensões no campo do conhecimento, a política parece ser um conceito preconcebido. Já pronto, acabado e evidente para todos. É o clássico problema da falta de fundamentação.

Neste trabalho pretendemos definir a política a partir da perspectiva da relação de poder, permeada por ideologias e intencionalidades que servem de base para a mesma. Com este propósito abordaremos a figura de Padre Cícero, tendo como cenário principal o Juazeiro do Norte.

Relação Religião e Política a Partir dos Fatos de Juazeiro do Norte

A pequena vila de Joazeiroⁱ (como era conhecida na época), onde Padre Cícero decide se estabelecer para prestar assistência como sacerdote, era um lugar insignificante, que pode ser definido melhor como um arraial – com mais ou menos trinta casebres e uma capelinha. Porém, o que nós podemos definir como um “acontecimento fundante” mudou radicalmente aquela paisagem: uma hóstia sangrou “milagrosamente” na boca de uma beata. A partir deste fenômeno a vila de Joazeiro nunca mais foi a mesma. O lugar se tornou um “caldeirão” de manifestação da religiosidade popular. Todos os moradores da vila estavam estarecidos diante do fenômeno. Os padres das paróquias de cidades vizinhas já estavam sabendo e se dirigiam ao Joazeiro na busca por informações mais claras. A imprensa da capital ficou sabendo e começa noticiar o ocorrido. Nos Estados vizinhos a notícia também já havia percorrido. Porém, o Bispo do Ceará, mesmo sabendo de tudo isso, ainda continuava esperando um comunicado oficialmente sobre este acontecimento. E pelo fato de ter ficado sabendo por meio da imprensa sentiu-se traído, principalmente por Padre Cícero. O que já lhe provocou um sentimento de indignação e resistência quanto a possibilidade de aceitar um milagre que não fora proclamado pela autoridade episcopal e nem pela Santa Sé.

Logo que soube o Bispo escreve ao Padre Cícero – aos 05 de novembro de 1889 – manifestando a sua preocupação. Aos 21 de maio de 1891, diante da grande repercussão em torno do suposto milagre, o Bispo escreva à Cícero novamente.

Em resumo, estou ainda as escuras sobre as circunstâncias desse facto, aliás de grande importância e seriedade; por isso, e esse é o motivo principal desta carta, VR^a venha a esta capital, logo que possa para me dar os preciosos esclarecimentos relativos aos factos extraordinários succedidos com Maria de Araújo (In. CASIMIRO, 2012, p.503).

Diante deste contexto o Bispo constituiu uma comissão para abrir um processo que deveria esclarecer e dar um parecer institucional sobre o ocorrido. Esta foi formada por Francisco Ferreira Antero e Clycerio da Costa Lobo – dois padres conceituados na Diocese. E já como primeiro ato do processo, convoca Padre Cícero à comparecer no Episcopado – na capital – para dar explicações. A partir daí começam a ser registradas as narrativas míticas nos documentos oficiais da Igreja. As mesmas que servirão de base para o fortalecimento das manifestações populares por meio das romarias ao Joazeiro e, por consequência, irão gerar a condenação de Padre Cícero por parte da Diocese e da Cúria Romana. Contudo, com efeito completamente inverso.

É importante ressaltar que, nestas alturas, a transformação da hóstia em sangue na boca da Beata Maria de Araújo já havia acontecido inúmeras vezes, e os panos ensanguentados já estavam expostos em uma caixa de vidro como prova da manifestação de Cristo naquele lugar. Haja visto que o depoimento de Padre Cícero na Cúria Diocesana ocorre aos 17 de julho de 1891. O fenômeno havia ocorrido pela primeira vez em 1889.

Perguntado se algo fora do normal já havia acontecido com a beata anteriormente, Padre Cícero responde que

Assistia Maria de Araújo, ao mez das Almas; e isso na oitava de todos os santos, de 1883 áu 1884, quando sentio ella que alguém lhe dera um amplexo, ficando impressa no peito uma cruz a deitar sangue, do que fui eu mesmo testemunha. Era a consagração della à vida de penitência. Nessa vida de união com os soffrimentos de Nosso Senhor a bem das almas ficou ella até hoje. Offerece-se ella como uma vítima de expiação pelas almas do purgatório e pelos pecados em geral (In. CASIMIRO, 2012, p.27 b).

Nesta primeira narrativa – que indica cinco anos antes do fenômeno da hóstia – já se faz presente um aspecto que marcará a relação conflitante de Padre Cícero com a hierarquia: enquanto seu Bispo estará sempre buscando elementos para incriminar e desqualificar a beata com intuito de desaprovar o suposto milagre, Padre Cícero usará de todos os meios da linguagem simbólica para defender a mesma.

Nos depoimentos das manifestações de Cristo um outro elemento que aparece com destaque é o sangue. Os estigmas no corpo da beata; o coração de Jesus que sangrava ao aparecer em suas visões; a hóstia que sangrava em sua boca, etc.. Nas respostas de Cícero ao Bispo, junto à comissão, ele afirmava que tudo era justificado pela vontade divina, que se manifestava de forma direta, pessoal e íntima à Maria de Araújo. Como afirma em um determinado trecho de seu depoimento:

Em suas comunicações íntimas com Deus foi lhe dada a seguinte resposta às perguntas que nesse sentido ella fizera: “É isso uma manifestação de tua fé e da misericórdia de Deus para com os

homens; assim é preciso e que nada mais lhe era preciso saber” (In. CASIMIRO, 2012, p.28 c).

Tudo fazia sentido. A linguagem simbólica utilizada por ela já povoava o universo da religiosidade popular ao qual ela pertencia e para quem ela se dirigia. O que ela fazia era ordenar esse simbolismo apontando um fenômeno que representava a manifestação do sagrado.

Quando a comissão se deslocou até Juazeiro para ver de perto o que estava acontecendo, encontrou um cenário já contagiado pelos eventos misteriosos, tidos como milagrosos. E a personagem principal, até então, não era Padre Cícero, mas a Beata Maria de Araújo. Que, naquela fase, resgatava e reafirmava a força da fé e da presença marcante dos beatos e beatas “promovidos” por Ibiapina – um missionário que por meio da força da solidariedade construía obras de caridade que, posteriormente, eram administradas e mantidas por beatos e beatas. A questão é que agora, neste novo cenário de romanização, onde as casas de caridade, os hospitais, os cemitérios e as capelas não estavam mais sob suas responsabilidades, a voz legitimadora da importância dos Beatos e Beatas não vinha mais da Igreja, mas do próprio Deus. Assim, em seu interrogatório, à décima sexta pergunta, Maria de Araújo responde de forma ilustrativa:

Tem tido collóquios com Nosso Senhor Jesus Christo e sobre que versão elles? Ao que respondeu que sim, versando os ditos collóquios sobre manifestar-lhe Jesus Christo ser de sua vontade que ella interrogada se lhe consagrasse e se lhe preparasse para revelações futuras, referindo-se algumas destas revelações a indicar-lhe querer fazer deste logar uma porta do ceu e um logar de salvação para as almas (In. CASIMIRO, 2012, p.32 d).

A trigésima sexta pergunta feita pela comissão referia-se a uma questão delicada. Foi indagada se havia tido comunhões miraculosas que não foram ministradas pelo sacerdote. “Respondeu que sim, sendo que as ditas comunhões lhes eram ministradas por Nosso Senhor mesmo que as tirava de seu coração entreaberto, dizendo-lhe então: Come de minha carne e bebe de meu sangue (In. CASIMIRO, 2012, p.34 e).

Estava estabelecido aí o principal problema político entre a Igreja Católica hierárquica e a religiosidade popular nos fatos de Juazeiro do Norte: em pleno processo de romanizaçãoⁱⁱ o suposto milagre aparecia na “contramão”. A Igreja, buscando a centralização do poder. Os leigos, por meio dos beatos e beatas, demonstrando a força de sua autonomia. A própria eucaristia, que só poderia se realizar pelas mãos de um sacerdote, ordenado pela Igreja, estava sendo administrada pelo próprio Cristo à Maria de Araújo. Mesmo em pleno processo de investigação da comissão o “milagre” acontecia. Nesta primeira fase, inclusive, outras beatas começaram a se manifestar narrando fatos extraordinários. Com destaque para a

narrativa de Johel Wanderlei Cabral, uma beata que, em seu depoimento à comissão, relata os seus diálogos com o próprio Cristo. O interessante é que ela também coloca a autoridade da Igreja em segundo plano.

[...] Em seguida o Padre Eterno tomou-me pelas mãos, dizendo: Vamos à casa do Bispo; quando alli chegamos, chamou elle pelo Bispo e elle não respondeo, o que se deu então eu indiquei que melhor seria subirmos, e o Eterno Padre disse em resposta – não vamos ser os pequenos para depois sermos os grandes –; chamou pela segunda vez o Bispo, e vindo então algumas pessoas da casa a saber o que queria, disse o Eterno Padre que queria fallar com o Bispo mesmo, ao que ficando elles como que indiferentes, chamou terceira vez o Eterno Padre pelo Bispo que não acudiu ao chamado; quando então disse o Eterno Padre – está vendo? Já é terceira vez que o chamo, vamos embora, e n’esse interim traçou uma crus sobre a porta (In. CASIMIRO, 2012, p.95 f).

Pelo que podemos perceber aqui, a atitude de Maria de Araújo não era isolada. As beatas comungavam do mesmo sentimento: as autoridades não conseguiam compreender a vontade divina e nem entendiam a linguagem da manifestação do sagrado através dos “pequenos”. E para afirmar essa concepção elas se utilizavam da própria Bíblia, a partir das narrativas oficiais. Na afirmação desta outra beata o próprio Bispo não estava atendendo ao chamado do Nosso Senhor. Portanto, no “lugar” onde o Bispo habitava Deus não poderia se manifestar. Mas, em Juazeiro, Ele estava se manifestando com toda clareza.

Contagiados também pela comoção popular e pela falta de explicação quanto ao fenômeno que presenciaram, a comissão produz um relatório final afirmando: “Não encontrando pois pelos meios por nós empregados, uma explicação científica, satisfatória, somos levados à crer que os fatos que se tem reproduzido na Beata Maria de Araújo são sobrenaturais” (In. CASIMIRO, 2012, p.101 g).

Contudo, o Bispo D. Joaquim José Vieira ainda continuava indignado e disposto a negar o fato como milagroso. Com este intento, rejeita o relatório final, destitui a primeira comissão e constitui outra. Esta, liderada pelo Padre Antônio Alexandrino de Alencar, com plenos poderes para retirar Maria de Araújo do Juazeiro, levando-a para o Crato, e se utilizando de todos os métodos necessários para obter a confissão do provável embuste. O propósito era desconstruir a narrativa e o “milagre”. A intencionalidade determinava o método e a estratégia. Mesmo porque, o pano de fundo do problema não estava, até então, situado na figura de Padre Cícero – como já afirmamos anteriormente – mas no processo que se contrapunha ao empoderamento da religiosidade popular, em nome de uma autonomia que era considerada perigosa e que atrapalhava os planos da Igreja e do Estado,

Um objetivo comum entre a Igreja Oficial e a religiosidade popular consistia na “salvação das almas” – o mesmo argumento dos colonizadores. Padre Cícero, em uma de suas cartas ao Bispo, defende a manifestação de Cristo em Juazeiro através do “milagre da hóstia” usando o mesmo argumento.

Acredite V. Excia. que os fatos extraordinários que aqui se têm dado e se têm visto e observados por milhares de pessoas as mais competentes, têm produzido imensas conversões em todas as classes de pecadores e feito reviver a fé no coração de todos (In. ARRUDA, 2002, p.85).

Isso revela que, em Juazeiro, a presença e liderança de Padre Cícero acaba se transformando em um elemento determinante que mudaria o desfecho final. Mesmo porque, de uma forma ou de outra, ele se apresentava como a voz da Igreja hierárquica em meio ao movimento da religiosidade popular, e como líder político em meio aos conflitos regionais e estaduais.

Quanto Padre Cícero enviou um volante para se informar sobre o que realmente estava acontecendo em Canudos – em pleno conflito armado – Conselheiro profetizou: Canudos não resistiria, mas Padre Cícero, tendo de enfrentar o mesmo conflito, sairia vencedor. Neste contexto a impressão que temos é de que Conselheiro percebe a diferença que faz a presença de um sacerdote como representação de poder. Canudos estava isolado na luta contra a Igreja Oficial e o Estado – que representava os interesses do poder político e econômico da época.

1971

Relação de Poder Envolvendo Igreja, Estado e Religiosidade Popular

Destacando a relação de poder como sendo o “coração” da política, chegamos aqui no momento de uma abordagem estrategicamente importante para a compreensão dos conflitos envolvendo Padre Cícero e Juazeiro do Norte. Neste sentido, o que nos chama a atenção no evento em questão é o fato de se “misturar”, de forma absoluta e determinante, o poder mítico/religioso com os poderes estabelecidos pelas estruturas hegemônicas constituídas. Do ponto de vista da narrativa mítica o acontecimento fundante foi o fenômeno da hóstia. Diante da realidade caótica em que se encontrava grande parte dos sertanejos que enfrentavam os descasos do Estado, o distanciamento da religião oficial e a situação de fome causada pelas grandes e repetidas estiagens, a narrativa recebeu logo uma aceitação coletiva. Foi como “chuva fresca em terra árida”. Quem conhece a realidade climática dos sertões nordestinos sabe muito bem que, todos os anos, depois de um período que varia de cinco à nove meses de estiagem, quando a terra recebe as primeiras chuvas acontece uma “explosão” de vida. A paisagem se transforma rapidamente. As plantas da caatinga que aparentemente estavam

mortas reagem de forma esplendorosa com a chegada do que os nordestinos chamam de “inverno”.ⁱⁱⁱ

Esta metáfora serve muito bem para descrevermos o cenário em que ocorre o sangramento da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo. Do ponto de vista do contexto religioso, Ibiapina já havia “preparado o solo”, por meio de suas missões populares que incentivavam o protagonismo e o empoderamento dos leigos – principalmente na figura dos beatos e beatas. No cenário social, a morte – em todos os seus aspectos – parecia estar vencendo a vida (caos). Diante de tanto sofrimento o sertanejo reza e olha para o céu, esperando que Deus o ajude (busca de transcendência). De repente, um sinal da manifestação divina em Juazeiro do Norte. Experiência que as Beatas vivenciavam e anunciavam (narrativa). E começam as romarias. Estas, por sua vez, passam a transformar o cenário local. A pequena vila começa a receber uma multidão de romeiros e romeiras. E, o que parecia um caos gerado por fanáticos, para estes e estas representava uma organização plena de sentido. O Deus que se manifesta por meio de seu poder revela a sua face, com todo simbolismo da religiosidade popular (figura divina) a partir e a favor dos miseráveis. Se viajavam longas distâncias, se dormiam nas redes esticadas entre as árvores, se passavam fome e frio no caminho, tudo representava um esforço que guardava a sua recompensa (sacrifício). A festa na chegada, a acolhida de Padre Cícero, as celebrações e confissões, tudo fazia parte de um mesmo e grande evento (ritual). Enfim, a estrutura do mito estava presente. Que é a mesma estrutura da religião. O que mudou aos poucos foi o fato de os romeiros e romeiras sentirem a necessidade de deslocarem o foco: da narrativa do “milagre” da hóstia passou-se para a narrativa dos milagres de Padre Cícero. Como estratégia de resistência Cícero se transformou em “Padim”, “Patriarca” e Santo.

Neste contexto, podemos destacar a estrutura da política.

- a) A ideologia – conjunto sistemático de ideias que gera convencimento e adesão
- b) A organização – em torno destas ideias um determinado grupo se organiza
- c) Empoderamento – esta organização gera uma forma de poder
- d) Finalidade última – o objetivo da mobilização tem em vista o bem comum, em defesa da vida.

Estes elementos, que colocamos como a base e a estrutura da política, podem variar em todas as suas partes, principalmente em função da finalidade última. Se esta envolver protagonismo e alteridade na relação entre os sujeitos envolvidos, podemos defini-la como propulsora de uma “política positiva”. Mas se neste processo os seres humanos forem

objetivados em função puramente da manutenção ou tomada do poder em disputa, então nós teremos uma política que pode ser definida como “negativa”.

Porém, de uma forma ou de outra, se tomarmos estes elementos como as principais características da política, podemos afirmar categoricamente que os movimentos da religiosidade popular – como Canudos, Juazeiro e Caldeirão – foram eminentemente políticos. Inseridos, é claro, dentro de um cenário político ainda maior. Contudo, dentro do mesmo, Padre Cícero soube trabalhar com todos estes elementos tendo em vista a defesa de Juazeiro.

Mas, de que forma esse processo se deu?

O “milagre” da hóstia começa a provocar outros milagres. A Igreja Oficial e o Estado se percebem na obrigação de fazer uma intervenção. Mesmo porque, aquilo que se manifestava em Juazeiro era um poder de mobilização que parecia fora de controle.

A narrativa das beatas, em pleno processo de investigação sobre o fenômeno da hóstia, descrevia as autoridades da hierarquia da Igreja Católica como destituídas de poder diante nas ações e manifestações do sagrado. A beata Maria Leopoldina Ferreira da Soledade chegou a afirmar em depoimento – registrado nos autos – que em uma de suas incursões ao inferno prendeu alguns demônios, e em sua passagem pelo purgatório conseguiu resgatar um Cardinal e dois Bispos.^{iv} O simbolismo religioso utilizado pela beata não deixa dúvidas: o protagonismo, neste evento, é da religiosidade popular. Chegou ao ponto de se produzir uma cena inusitada: a comissão presencia o Monsenhor Monteiro diante de Maria de Araújo,

[...] genuflexo, tendo entre os dedos de sua mão direita duas hóstias ensanguentadas, allí apparecidas de sorpresa e miraculosamente entre os dedos da mão da Beata, d’onde o Monsenhor Monteiro as tomára – Maria de Araújo é então despertada por Monsenhor, e mandando-se-lhe dizer o que naquele estado d’extase lhe tinha sido revelado, ella disse assim: “Nosso Senhor mandou estas partículas ensanguentadas para que os Padres da Commissão vissem e comungassem” (CASIMIRO, 2012, pp.110-111).

Na ocasião as duas hóstias ensanguentadas encontravam-se coladas uma à outra. Sendo assim, Monsenhor Monteiro as tomou em comunhão e solicitou que através da Beata, Nosso Senhor enviasse mais duas hóstias para os comissários.

Depois de um quarto de horas, mais ou menos, eis que a beata tomase d’um raptó extático, e levantando um pouco a mão direita, deixou vêr duas hóstias ensanguentadas que Monsenhor Monteiro tomou entre seus dedos e passou aos nossos, quando então notámos bem distintamente que o sangue que corria de cima para baixo d’aquellas partículas, era fresco, tingindo nossos dedos -.- Nessas circunstâncias, houve razão bem grave para que tomássemos taes partículas por miraculosas-divinas, e recebêssemos em communhão (CASIMITO, 2012, p.111 b).

Essa narrativa irritou profundamente o Bispo do Ceará. Afinal, houve aí uma inversão na relação de poder e autoridade. Era uma leiga, Beata, dando comunhão aos representantes da Igreja que haviam recebido a missão de desvendar o mistério.

Da parte do Bispo já estava pré-determinado: era um embuste e deveria ser negado. Da parte de Padre Cícero e da religiosidade popular, era um milagre, confirmado pelo próprio Cristo. Por meio de suas cartas Cícero apelava sempre com a mesma “tática”:

Depois que voltei da capital, estando aqui cheio de vexames e apreensões, no dia 04 de agosto corrente (1891) pedindo ao Nosso Senhor perante a hóstia consagrada que Ele mesmo me desse um testemunho que eu pudesse jurar sobre a verdade por Ele mesmo afirmada, para que assim em minha consciência eu não temesse jurar que aquele sangue nas sagradas formas era Sangue d’Ele mesmo – respondeu que dava testemunho [...] (In. ARRUDA, 2002, pp.85-86).

E prosseguindo este mesmo depoimento Padre Cícero passa a transcrever as palavras do próprio Jesus, pronunciadas em latim – língua oficial da Igreja Católica. Portanto, neste contexto, qual afirmação traz consigo mais poder simbólico e autoridade: a do Bispo ou a do próprio Jesus? Com estas narrativas as beatas e o próprio Patriarca colocava os sertanejos, inseridos no universo da religiosidade popular, contra a Igreja Católica Oficialmente constituída por meio de sua hierarquia.

É importante frisar que o “acontecimento fundante”, que desencadeia todo o processo conflitivo em Juazeiro do Norte, está no centro do principal ritual católico e relacionado ao poder da Ordem Sacerdotal. Em Juazeiro, a religiosidade popular “tomou posse” desse sacramento. Isso era grave demais para a hierarquia da Igreja. Representava um empoderamento ousado e assustador por parte da Igreja hierárquica. O que justificava a reação do Bispo de Fortaleza. Rejeitou as conclusões do primeiro inquérito; destituiu a primeira comissão e indicando outra, com plenos poderes para intervenção; determinando uma espécie de “prisão” para Maria de Araújo, no Crato – na Casa de Caridade, controlada agora pelo vigário; ameaçando de excomunhão todas as Beatas envolvidas no caso; determinando a transferência de Padre Cícero de Juazeiro do Norte; retirando as suas Ordens sacerdotais; etc.. Enfim, podemos chegar à conclusão de que por meio dos argumentos teológicos utilizados e mediante o método de repressão contra os envolvidos, nenhum “milagre da hóstia” registrado no mundo se sustentaria. O que nos leva também à uma pergunta delicada: então, o que é determinante para a proclamação oficial de um “milagre” como este? E a resposta inevitável é: o desejo, a intensão e a necessidade da autoridade competente. Enfim, uma relação de poder. O que também se constitui numa estratégia política. Mesmo porque, proclamar um “milagre” não consiste apenas em desvendar o

mistério da manifestação do sagrado. Significa “sacralizar” tudo o que envolve este acontecimento. Proclamar o milagre de uma virgem, por exemplo, não é só afirmar a manifestação do sagrado, mas é também sacralizar a virgindade. Enfim, a Igreja só sacraliza aquilo que vem reforçar o conjunto de valores morais que, por sua vez, reforça a sua estrutura de poder.

É por isso que até hoje o conflito do Juazeiro não foi resolvido institucionalmente. Se por um lado Padre Cícero continua vivo por meio das romarias, por outro ele continua oficialmente afastado de suas Ordens Sacerdotais. Se por um lado ele já foi santificado pela religiosidade popular, por outro, ele ainda precisa permanecer “no sol”, como um “santo que não pode entrar na Igreja”. Mesmo porque, admitir a santidade de Cícero significa assumir as narrativas das beatas e todo processo de empoderamento da religiosidade popular.

A partir do que vimos anteriormente, o que mais distingue a “política positiva” de uma “política negativa” é a intencionalidade e finalidade última. Contudo, estas duas dimensões passam pela ótica do poder. No caso de Juazeiro, a intencionalidade da religiosidade popular estava ligada a uma construção que passava por uma busca de transcendência, em função da luta pela sobrevivência e autonomia. Mas para isso era preciso criar outra relação de poder. Fora da dependência do coronel, da Igreja hierárquica e do Estado. Porém, dentro das mesmas estruturas. Nesta perspectiva Juazeiro poderia ser comparada à “Nova Jerusalém”^v. Um lugar onde se manifestava a esperança de uma nova vida, através da manifestação do sagrado.

Do “outro lado” vamos encontrar a Instituição Igreja Católica. Seu projeto e sua intencionalidade consistia na centralização do poder clerical e no combate à religiosidade popular que se manifestava de forma autônoma, colocando em xeque a autoridade hierárquica.

Enfim, são duas intencionalidades que apontam para duas finalidades distintas, com projetos diferentes. O que justificará a busca de fundamentações ideológicas e estratégias que irão se chocar. O interessante, no caso de Juazeiro, é que o simbolismo religioso pertence ao mesmo substrato colonialista. Contudo, como a finalidade última é diferente, muda-se a interpretação, se propõe formas de organização e mobilização, busca-se o convencimento de uma parte da sociedade, escolhendo, em seguida, a forma de ação.

Neste sentido, o movimento da religiosidade popular está completamente inserido no movimento político. Dentro da mesma estrutura. O que muda são os meios e, a relação humana (de alteridade ou objetivante) e, principalmente, os fins. O mesmo ocorre com as ações da Igreja Católica frente a estes movimentos. São atitudes, estratégias e decisões políticas que envolvem o sagrado.

Um ponto de discordância entre os pesquisadores de Padre Cícero consiste no fato de não se ter clara a intencionalidade do Patriarca. Por um lado, ele pertencia a hierarquia da Igreja e nunca quis abrir mão desta pertença. Por outro, assumiu todos os riscos e as consequência pela defesa que fez dos romeiros e romeiras, dentro da dinâmica da religiosidade popular. Era padre e ao mesmo tempo político. Lutou até o fim de sua vida para resgatar o direito das Ordens Sacerdotais, mas não abriu mão de estar inserido no movimento condenado pela Igreja. Assumiu a postura de coronel, mas ao mesmo tempo a roupagem de um santo. Diante de tantas aparentes contradições Cícero se transformou em um personagem enigmático. Porém, sua habilidade política foi reconhecida por todos. Com o propósito de defender Juazeiro e o seu reduto – político e religioso – Padre Cícero promove alianças históricas.

Em 1911, quando Cicero já assume um lugar de destaque em Juazeiro e região, em meio a muitos conflitos, através da força e da participação coletiva, conquista a emancipação do município. Em meio a articulações elaboradas por Dr. Floro e o Governo do Estado, ele decide assumir a prefeitura e promove o famoso “pacto dos coronéis”. “Esse acordo formal, único nos anais da política regional brasileira, afirmava a intensão coletiva de manter o status quo no Cariri, isto é, opor-se a futuras deposições” (CAVA, 1977, p.169).

Esse famoso pacto representava a união da oligarquia agrária da região em torno do líder político maior que era Antônio Pinto Nogueira Accioly. Isso explica porque, com a queda de Accioly em 1912, Juazeiro se transforma em um “alvo” a ser destruído por Franco Rabelo. O que gerou o grande conflito armado registrado entre o final de 1913 e início de 1914. “Após um mês de combates defensivos e somente quando o Crato foi inundado de reforços enviados por Fortaleza, passou Joazeiro a contra-atacar; aí então o Patriarca concordou com a ‘ofensiva-defensiva’” (CAVA, 1977, p.195 b).

A decisão do contra-ataque gerou grande destruição na cidade natal do próprio Padre Cícero – o Crato. Município ao qual inicialmente pertencia a vila de Joaseiro. Esse conflito, que produziu muitas mortes, gerou também uma rivalidade histórica entre os dois municípios. O que fomentou uma forte rejeição ao Padre Cícero, tido, pelos cratenses, como “coronel” e “embusteiro”.

O que é importante destacar aqui é que, em Canudos a fé era o principal elemento motivador e dinamizador. Além da defesa da própria esperança de uma vida melhor, que já estava sendo experimentada em Belo Monte. Em Juazeiro estava presente a mesma fé, com todo o simbolismo da religiosidade popular. Contudo, a estratégia foi diferente. Enquanto o

Arraial de Canudos foi sitiado e asfixiado lentamente, por estar isolado, Juazeiro conseguiu romper dois cercos importes: o da trincheira inimiga e do isolamento político.

Neste mesmo momento histórico da deflagração do conflito, já havia o planejamento de uma grande rebelião a nível estadual e nacional. Floro e Cícero sabiam disso. Era o grupo de Accioly, com novas alianças, novamente tentando retornar ao poder. Foi por isso que a “revolução” começada em Juazeiro chegou rapidamente à fortaleza, destituindo Rabelo. Neste contexto, Pinheiro Machado assumia a condição de articulador a nível nacional, que dependia de articulações regionais e estaduais. Contudo, foi Padre Cícero e seus romeiros que deflagraram a revolução.

A cada vitória nos conflitos armados e no campo da política o número de romeiros e romeiras aumentava. O “milagre” da hóstia já havia perdido a sua importância como “elemento aglutinador”. A defesa de Juazeiro, representava a defesa do Patriarca que, por sua vez significava a garantia de uma vida melhor, onde a fé e a batalha não se separavam. Isto explicava o fato de se encontrar muito facilmente o romeiro simples e pacato lutando ao lado do cangaceiro e do jagunço. Até mesmo os beatos se misturavam aos “soldados da fé”. Todos estavam unidos pelo mesmo universo simbólico e pela mesma finalidade: a defesa de um lugar sagrado, protegido por um santo que gozava da proteção de Mãe das Dores e lhes garantia a sobrevivência e a salvação da alma.

Neste cenário os romeiros eram sujeitos e objetos. Sentiam-se protagonistas históricos e realmente fizeram história. Mas foram manipulados pelas estratégias e intencionalidades da política partidária, no “tabuleiro” do “jogo de poder”. Esse “jogo” passou a fazer parte da vida de Padre Cícero: de acordo com a necessidade e a intencionalidade a liderança do Patriarca era convocada para canalizar a ação dos romeiros em função de determinados fins. Por outro lado os romeiros percebiam que, quanto mais Padre Cícero se fortalecia, mais Juazeiro crescia e oferecia oportunidades. Não era uma fé estéril e nem tão inocente, com relação ao cenário social. Ela se transformava em articulação, mobilização e transformação da realidade.

EM SÍNTESE

Em nossa cultura é muito comum o desejo e a necessidade de separar política e religião. Contudo, quando vamos estudar qualquer movimento religioso, tendo em vista o seu impacto na realidade social, sempre percebemos a confluência e a interface das duas dimensões. Para nós, no entanto, o maior problema estaria no conceito de política. Geralmente trabalhamos com categorias conceituais muito reduzidas e limitadas. Outras vezes falamos de política sem a devida fundamentação conceitual. Foi por isso que, neste ensaio,

buscamos definir a política a partir de seus elementos essenciais e estruturais. Sempre lembrando que, para nós, essência é aquilo que identifica, caracteriza e se repete em um determinado ser ou em uma determinada estrutura, sem eliminar uma dinâmica dialética. E tomando como referência estes elementos buscamos compreender o que aconteceu com Juazeiro do Norte a partir do “milagre” da hóstia, chegando ao conflito armado. O que vimos foi a interação entre fé e política a partir da figura e da liderança de Padre Cícero. Contudo, o que salvou Juazeiro da destruição que atingiu Canudos e Caldeirão foi a articulação política.

Partindo de um contexto mais amplo, imaginemos: se Constantino não tivesse assumido o Cristianismo como a Religião Oficial do Império, qual teria sido o destino do movimento duramente perseguido após a morte de Jesus?

O consideramos de suma importância é a percepção de que a religião só pode ser compreendida a partir da cultura e das relações sociais. Contudo, o que ela sacraliza ou diviniza, a partir de uma narrativa, que passa por uma aceitação coletiva, gerando formas de sacrifício e de ritualização, se transforma em mito, que é uma forma de materialização de uma visão de mundo, sustentada como argumento justificador. Portanto, o mito não é o “Sagrado” mesmo, mas uma forma de “sacralização” humano-coletiva. E no contexto de sacralização do Juazeiro, Padre Cícero foi mitificado. E a partir de sua mitificação, Juazeiro foi transformado. Sendo assim, tomando Juazeiro e Padre Cícero como base da nossa análise, podemos perceber a relação entre mito e religião, refletida na inter-relação entre fé e política, sempre tendo como fio condutor a relação de poder, o “coração” da política

1978

BIBLIOGRAFIA

- ARENDETT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989. (Trad. Roberto Raposo).
- ARRUDA, João. *Padre Cícero: Religião, Política e Sociedade*, Fortaleza: Ed. Inesp, 2002.
- BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. *O Joazeiro Celeste: Tempo e Paisagem na Devoção de Padre Cícero*, São Paulo: Ed. Attar Editorial, 2007
- BERGER, Peter. L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Ed. Paulus, 1985.
- CASIMITO, Antônio Renato Soares de (Org). *Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro*. A Questão Religiosa, Fortaleza, Ed. SENAC, 2012.
- CASSIRER, Ernest. *O Mito do Estado*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1976. (Trad. Álvaro Cabral).
- CAVA, Ralph Della. *Milagre em Juazeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972.

MÍGUEZ, Néstor. *Para Além do Espírito do Império: Novas Perspectivas em Política e Religião*. (Néstor Míguez, Joerg Rieger, Jung Mo Sung). São Paulo: Paulinas, 2012.

NETO, Lira. *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

PEIXOTO, Alencar. *O Joazeiro do Cariry*. Edição provisória. S/ Local: S/ Ed. 1913.

ⁱ As primeiras obras trazem essa ortografia, com referência direta às árvores conhecidas como Joá, que deram origem ao nome da vila – onde os tropeiros paravam para dar descanso aos animais e repousarem. Uma árvore típica do sertão nordestino, que resiste à longas estiagens, mantendo-se verde o ano todo.

ⁱⁱ A Igreja no Brasil sentia os reflexos da “modernização iluminista” assumida pelos sistemas sócio-políticos hegemônicos dos diversos países em pleno desenvolvimento. Sentindo-se cada vez mais ameaçada, decide reagir de forma sistemática, tendo em vista a recuperação de seu poder. Mas para isto seria preciso unificar os episcopados; disciplinar os padres; enviar os melhores seminaristas para completarem as suas formações em Roma; trazer Congregações religiosas da Europa para a formação do novo clero e aumentar o número de dioceses para melhorar o acompanhamento das paróquias e o controle sobre as ações paroquiais. Enfim, constituía-se um processo de centralização do poder clerical. Cfr. *Religião e Dominação de Classe: Gênese, Estrutura e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

ⁱⁱⁱ No nordeste o “inverno” não acompanha as estações climáticas conhecidas em outras partes do nosso País. Isso porque, o momento que mais “esfria” coincide com a chegada das chuvas, que é justamente a época do verão para o restante do Brasil.

^{iv} Este registro pode ser conferido no depoimento da Beata In. CASIMITO, Antônio Renato Soares de (Org). *Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro*. A Questão Religiosa, Fortaleza, Ed. SENAC, 2012.

^v Sobre este assunto Cfr. BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. *O Joazeiro Celeste: Tempo e Paisagem na Devoção de Padre Cícero*, São Paulo: Ed. Attar Editorial, 2007, p.17.